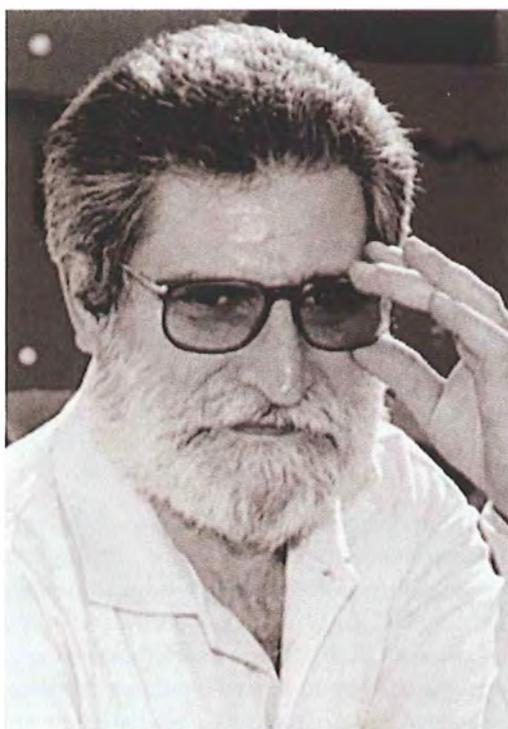


Pepetela

por

Inocência Mata



FOI PRÊMIO CAMÕES 1997. POR OBRA E GRAÇA DO seu trabalho de escrita. Uma escrita feita de interrogações, de tensões, de angústias por vezes. Mas sempre buscando revitalizar a utopia, tentando colher os sonhos desfeitos para lhes insuflar novos rumos. Para o país, para a política oficial, para o indivíduo – para o Homem angolano. Autor de uma obra considerável, Pepetela (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos), natural de Benguela (1941), é hoje um escritor a cuja obra recorro com frequência para tentar perceber a dinâmica, por vezes perversa, das relações culturais e ideológicas num país em que o debate cultural é (quase) inexistente. A literatura na sua mais pura dimensão gnoseológica, embora em Pepetela a tematização da subjectividade do olhar seja uma constante...

A conversa decorreu em Luanda, por ocasião da homenagem do Instituto Camões ao escritor.

Como encara a escrita em Angola, quando o país vive um dos mais cruéis períodos dos seus quase quarenta anos de guerra contínua?

A literatura aproveita-se razoavelmente dos períodos difíceis dos povos. Ou porque as situações-limite se prestam bem a fornecer temas, ou porque os escritores precisam então, mais do que nunca, de exorcizar os seus fantasmas interiores. Não me parece que estas guerras todas e as terríveis consequências sociais e psicológicas que trazem com elas tenham prejudicado o trabalho de escrita. Têm sim afectado a sua divulgação, pelas dificuldades de ordem material para a edição, distribuição e venda.

Percorrendo a sua bibliografia, a sua obra, será legítimo concluir-se que escreve sobre o seu próprio processo de desencantamento em relação ao país?

Que esperei mais do país, isso é evidente. Que me fui desencantando à medida que os pro-

blemas, em vez de serem paulatinamente resolvidos, se foram agravando, também é inegável. E a minha literatura tem de reflectir isso. Mas penso que não é um caso isolado. Todos os escritores e quase todas as pessoas da minha geração estão desencantados. Só meia dúzia está feliz, por ter enriquecido (mais ou menos ilicitamente) e não ter problemas de consciência.

A propósito de desencanto e todo esse processo de disjunção entre o sonho e a realidade, muitos consideram *Mayombe*, escrito em 1970-1971 e publicado em 1980, o seu maior romance dada a dimensão quase profética de Sem Medo, a Esfinge, o seu protagonista. Ele afirmava sempre não ter lugar numa Angola independente. O Sábio, personagem de *A geração da utopia* (1992), retoma o mesmo destino trágico. Pode dizer-se que o destino do Sábio seria o de Sem Medo se este não tivesse morrido?

Uma personagem morre, a outra exila-se dentro do seu próprio país. De facto a diferença não é grande. As duas personagens têm semelhanças, pelo menos a nível das ideias, sendo Sem Medo mais livre, quase anarquista, e o Sábio mais ortodoxo. Talvez por isso tenham destinos que não são muito diferentes. Aliás, há uma ligação grande entre os dois livros, uma certa sequência.

Aliás, afirmou uma vez que o capítulo «A chana» de *A geração da utopia* foi escrito em 1973 e recuperado em 1992...

Exactamente. *Mayombe* foi terminado em 71. «A chana» foi escrito em 73. Foi escrito como obra completa e independente. Mas nunca a quis publicar, porque achava que isoladamente lhe faltava algo. Quando estava a escrever *A geração da utopia*, achei que devia aproveitar esse escrito. E fiz alterações para se ajustar ao novo romance.

Na sua obra há uma constante pesquisa histórica em que enfatiza, quase com uma preocu-

pação pedagógica, a importância do conhecimento do passado para a compreensão – e a gestão – do presente. *A revolta da casa dos ídolos*, *Yaka*, *Lueji – o nascimento dum império* e o seu último *A gloriosa família* são exemplos dessa sua reflexão que passa também pela literatura. Subjaz a essa opção de escrita alguma intenção ideológica?

Talvez. Tenho uma grande preocupação com alguns assuntos, que são temas obsessivamente tratados na minha obra. Um desses assuntos é o da construção da Nação, a ideia de Nação. Há toda uma problemática à volta do Estado-Nação, particularmente em África. Será que se pode hoje falar de Angola como uma nação? Ou apenas um projecto de nação? Ou ainda menos do que isso? Ora, a História ajuda a enquadrar este problema e talvez até tenha algumas respostas. Um país que tem estado em guerras cruéis constantes e não se fraccionou (nem parece ter tendência para isso) é porque tem algum cimento muito forte a ligá-lo. A questão é: de onde veio esse cimento?

Há evidentemente outros factores, até de ordem política, mas sem dúvida que a História tem peso nesse processo. E neste caso pode dizer-se que é ideológico considerar-se o passado como fonte de conhecimento do presente. Como não houve fim da História nem fim das ideologias, contrariamente ao que alguns fundamentalistas afirmavam (um até ganhou muito dinheiro escrevendo sobre isso), assumo na minha escrita uma coisa e outra, sem complexos.

Por falar em ideologia, ou melhor, em interpretações ideológicas da realidade histórica, há quem leia em alguma obra sua, designadamente *Yaka*, *Lueji – o nascimento dum império* e *A gloriosa família*, uma busca de legitimação do segmento de origem europeia/portuguesa e sua elevação a modelo de angolanidade. Que

comentários lhe sugerem esta leitura de alguma obra sua?

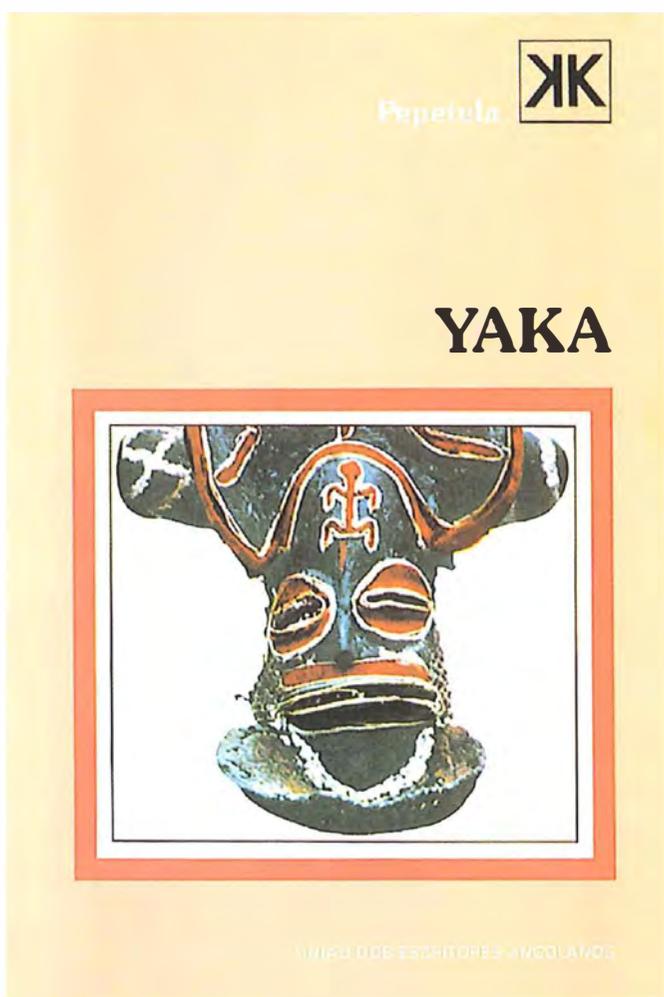
Nunca pretendi mostrar que os brancos podem ser um modelo de angolanidade, nem legitimar o que quer que seja. O que a História tem mostrado é que tem havido angolanos negros, brancos e mestiços, que se destacaram na defesa de valores nacionais, particularmente da independência, nas diferentes fases da vida de Angola. E há outros que são grandes traidores ao povo angolano, independentemente da sua

cor. Agora, cada um é livre de ler o livro à sua maneira. E alguns têm complexos de colonizado e lêem os livros com os olhos deformados por esses complexos. Certamente que neles acabam por encontrar os seus terrores interiores. E também há leitores europeus que são mais «negros» que os negros, conheço alguns.

Para exemplificar esta estória de preconceitos, conto um caso que aconteceu há uns cinco anos atrás. Recebi uma carta de uma afro-americana (como parece que é politicamente correcto chamar aos negros dos Estados Unidos) que estava a viver no Brasil e leu *Lueji*. Como não conhecia mais nenhum livro meu e na primeira edição não havia qualquer referência ao autor, ela escreveu-me, entusiasmada, dizendo que me imaginava como uma bela mulher negra. Propunha-se traduzir o livro para o inglês, pois as mulheres americanas deviam conhecê-lo. Tive de lhe responder, dizendo que nunca poderia aspirar a ganhar um concurso de beleza, não era mulher e era branco. Já não voltou a escrever-me e certamente desistiu da tradução; o livro perdera naturalmente todo o interesse para as mulheres americanas!

Um convite que *O cão e os calús* e *O desejo de Kianda* fazem é procurar correspondências no real para as personagens caricaturadas nas obras. Talvez porque a ilusão do real seja tão intensamente tangível. Baseou-se em figuras históricas?

Nunca me baseio em personagens reais, pelo menos conscientemente. Nem faço alquimias do género, associemos tal traço de fulano, com outro de sicrano e mais esta características de beltrano. As personagens vão-se fazendo, ganhando consistência. Certamente que inspiradas em muitas coisas observadas na vida real. Mas é verdade que alguns leitores têm tendência a procurar nas personagens pessoas reais. Aconteceu com esses dois livros, mas também



com *Mayombe* (era muito restrito o número de pessoas que ainda estavam na guerrilha naquela altura e nessa região, por isso quando o livro saiu todos os que ainda estavam vivos teimavam em reconhecer-se nas personagens).

CCC (Carmina Cara de Cu) há muitas. Uma personagem límpida, plana. E João Evangelista, cúmplice, passivo, de difícil apreensão pelo leitor, mesmo porque o que dele o leitor apreende é em discurso indirecto livre. Julga-o mais nefasto para o processo social?

Tem de haver uma grande cumplicidade entre autor e personagens. Por isso não me parece elegante revelar se acho João Evangelista mais nefasto. Há pessoas que acham CCC um horror de mulher (um amigo meu até acha que me baseei na esposa dele para criar CCC), mas pela mesma ordem de ideias, não me parece correcto dizer se estou ou não de acordo com essas pessoas.

A propósito de *Parábola do Cágado Velho* (1996), disse uma vez que pretendia dar voz àquelas pessoas do campo, sobre as quais todos falavam e ninguém ouvia. Pensava nos «senhores da guerra»...

Parábola do Cágado Velho pretende retratar a guerra civil vista pelos olhos dos que mais sofrem com as guerras e menos domínio têm sobre elas: os camponeses, preocupação constante nos discursos oficiais, mas totalmente desprezados na prática por todos os poderes. Daí que seja impossível dar nome aos dois exércitos. Um é o exército do inimigo, o outro é dos nossos. Mas ninguém sabe distinguir quem são os amigos e os inimigos. Ainda por cima as famílias têm filhos num e no outro exército. Por oposição aos camponeses, vislumbram-se personagens que poderão ser chamadas «os senhores da guerra», mas estes são mais sugeridos que descritos.

